

Entrevista com o historiador **Ricardo Sales**, professor adjunto e coordenador do Mestrado em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

1) Quais seriam as origens do racismo no Brasil?

O racismo no Brasil sempre existiu, desde que há escravidão. No Brasil, diferentemente da Antiguidade, a escravidão foi baseada na cor. Mas, com a abolição, o racismo passou a ser uma forma de reprodução das relações de poder. Antes, a exclusão do negro era feita a partir da escravidão. Depois, o racismo veio como forma de reproduzir essa exclusão. Um exemplo é o próprio vocabulário. A palavra "preto", que antes só designava os escravos, foi generalizada como forma de rebaixamento. O mesmo aconteceu com "crioulo", que antes designava os escravos nascidos no Brasil e ganhou conotação pejorativa.

2) O próprio conceito de "raça" é muito discutido nas Ciências Humanas. Como você vê essa questão?

O conceito de raça não tem fundamento científico no que diz respeito à espécie humana. Não há como detectar diferenças entre as diferentes populações que configurem diferenças raciais, como em outras espécies. No entanto, a noção de raça, baseada em fenótipos e/ou origem de determinados grupos, é uma noção do senso comum presente em quase todas as sociedades modernas. Na maioria dos casos, ela serve como fundamento de práticas discriminatórias que favorecem um grupo em detrimento de outro. Daí a ideia de racismo.

3) Muitos dizem que, pelo fato de os brasileiros serem "misturados", não há racismo no país? Como você vê essa questão?

Há um racismo diferente. Nós realmente somos misturados, isso é um fato, o que é um dado positivo da cultura brasileira. A população afro-descendente construiu essa mistura, essa possibilidade de sair de sua posição. Mas isso não quer dizer que não haja racismo. Essa mistura vai desde o branco até o preto. Depende muito de como a pessoa quer colocar o outro. Se quer valorizar, chama de "mulato", "moreno". Se quer rebaixar, de "preto", "crioulo".

4) Muitas vezes, o racismo no Brasil é visto como uma questão individual e não histórica e socialmente construída, como se houvesse pessoas racistas, mas não o racismo enquanto instituição. A que você atribui essa situação?

Na verdade, eu vejo de forma diferente. Quando eu dou aula, por exemplo, se pergunto se há racismo no Brasil, todo mundo diz que sim. E olha que nas universidades públicas as turmas são majoritariamente de brancos. Mas, quando pergunto quem é racista, ninguém levanta a mão. Parece que o racismo não tem agentes.

Mas o racismo tem realmente que ser visto como um mecanismo social, não individual. Uma coisa é o preconceito de cada um. Uma pessoa branca não quer casar com negros não vai prejudicar os negros. Pelo contrário, é até bom para eles não casarem com uma pessoa assim. Por outro lado, outra coisa é você ir a uma entrevista de mestrado e o seu estereótipo social contar contra você. Isso é um problema. Não é só a cor, mas também a questão social. Há até essa discussão de que no Brasil não há preconceito racial, só social. Na verdade, há os dois. Os dois se retroalimentam.

5) Quais seriam, em sua opinião, os primeiros passos para acabar com o racismo no Brasil?

Eu sou a favor das ações afirmativas. Não falo tanto em cotas, mas em metas. Por exemplo, uma faculdade de medicina pode estabelecer como meta ter 50% de alunos negros e traçar estratégias para isso, que podem incluir as cotas. E isso não só com alunos, mas também com funcionários e professores. A partir daí, podemos começar a pensar outras estratégias.